

Uma longa espera

José Pastore, um próspero empresário capixaba, aguardou durante quase oito anos que o titular do cargo, o senador Gerson Camata, lhe desse uma chance. Na verdade, aceitara a suplência porque acreditava que Camata seria candidato a governador no meio do mandato, abrindo-lhe quatro anos no cargo. Camata ficou até o fim, reelegeu-se, mas substituiu Pastore na nova chapa. No final, o empresário teve de se contentar com três meses no posto, encerrados em 31 de janeiro.

Foi assim que os gabinetes dos senadores se viram repletos de placas com nomes dos mais completos desconhecidos. No-

mes como os de Edir Domeneghini, primeiro suplente de Emília Fernandes, nomeada ministra, ou Meira Lins, segundo suplente do senador Carlos Wilson. O primeiro suplente de Wilson, Clodoaldo Torres, já tivera uma chance anos antes.

Tudo isso decorre da forma de escolha dos suplentes de senadores. Diferentemente dos suplentes de deputados, que disputam as eleições e são colocados no posto de acordo com a votação recebida, os candidatos a suplentes de senador são registrados pelos partidos, mas não disputam: serão suplentes caso se eleja o titular, ele sim votado pelos eleitores.